

Economia - Brasil

Analistas vêem foco errado no investimento

160

Economistas alertam Lula de que debate sobre crescimento deveria enfatizar mais a aplicação de recursos do setor privado

Investimentos públicos equivalem a 2% do PIB, ante 18% do privado; logo, aumento não seria decisivo para impulsionar economia

VALDO CRUZ
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e alguns de seus ministros têm sido alertados por economistas de dentro e fora do governo de que o debate sobre o crescimento da economia em 2007 estaria desfocado.

O erro estaria na ênfase ao investimento do setor público na elaboração das medidas econômicas do segundo mandato, como se ele fosse "o motor do crescimento" do país, relegando a segundo plano o foco nos

investimentos privados.

Segundo a **Folha** apurou, a avaliação é que Lula tem a "ilusão" de que o investimento público pode trazer o crescimento sustentado. A vantagem é que ele já teria dito reservadamente que não abrirá mão do "rigor fiscal", apesar das dúvidas deixadas nos últimos dias.

A **Folha** ouviu o seguinte relato de economistas do governo e de pessoas próximas do presidente: focar no investimento público não está totalmente errado; ele é necessário, mas jamais garantirá crescimento sustentado. Esse viria apenas de um forte estímulo ao investimento privado.

Afinal, o setor privado é responsável por quase todo o investimento do país. A taxa total está na casa dos 20% do PIB

(Produto Interno Bruto). A área privada fica com 18%. A pública, com apenas 2%.

No caso do setor público, o investimento do Orçamento da União é menor ainda. Cerca de 0,5%. Ou seja, mesmo que se dobrarem os investimentos do Orçamento do governo federal, seu impacto sobre a economia é importante, mas não decisivo para o país crescer a 5%.

Erro de diagnóstico

No mercado, a avaliação é idêntica. Autor do sistema brasileiro de metas de inflação, Sergio Werlang, diretor do Banco Itaú, disse que o governo Lula está errando no diagnóstico ao achar que o "setor público é o motor do crescimento do país". Segundo ele, essa é uma visão da década de 70, que não

se encaixa no Brasil de hoje.

Werlang aplaude as medidas de corte de impostos do setor privado, mas considera errada até a decisão de aumentar investimentos em projetos de infra-estrutura. "Isso é ruim porque vai diminuir o superávit primário, já que o governo não tem muito dinheiro. Ele deveria estar direcionando seus recursos para a área social."

Gustavo Loyola, ex-presidente do BC, diz que o governo deveria estar preocupado com medidas estruturais para estimular o empresário a investir. "O governo precisa reduzir a insegurança jurídica, mas não dá passos nesse sentido."

Loyola cita como exemplo o fracasso do leilão da ANP (Agência Nacional do Petróleo) da semana passada. "A gente

não vê disposição nem da agência nem do governo para manter o leilão, aí o cenário do futuro é que o país pode ter problemas de energia, quem vai querer investir?"

Bolha

O economista Caio Megale alerta para o risco de o governo Lula tentar um crescimento alto em 2007 "na porrada" ao forçar queda do juro, melhora conjuntural do câmbio e aumento irreal dos investimentos públicos, reduzindo o tamanho do superávit primário.

"É um raciocínio de bolha. A gente cresce muito em 2007. Em 2008, o resultado é que o governo terá de frear a economia para evitar a volta da inflação no final do mandato do presidente Lula", afirma.